



A VIDA PESA MENOS QUE AS PEPITAS: UMA ANÁLISE DA GARIMPAGEM DE OURO AMAZÔNICA NO ROMANCE *EU RECEBERIA AS PIORES NOTÍCIAS DOS SEUS LINDOS LÁBIOS*, DE MARÇAL AQUINO

LIFE IS LIGHTER THAN GOLD: AN ANALYSIS OF AMAZONIC GOLD MINING IN THE NOVEL *EU RECEBERIA AS PIORES NOTÍCIAS DOS SEUS LINDOS LÁBIOS* [I WOULD RECEIVE THE WORST NEWS FROM YOUR BEAUTIFUL LIPS], BY MARÇAL AQUINO

Rebeca Freire Furtado*
Marli Tereza Furtado**

RESUMO: Este artigo investiga como a garimpagem de ouro na Amazônia é construída no romance contemporâneo *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* (2005), de Marçal Aquino, dando destaque, principalmente, à violência desencadeada pela disputada corrida das pepitas e à tentativa de resistência da figura feminina. O escritor paulistano lança mão de suas vivências enquanto jornalista e recria o cenário do Ciclo do Ouro em uma cidadezinha no interior do estado do Pará, marcada tanto pelo avanço econômico quanto pela desigualdade social. A metodologia utilizada nesta pesquisa é de ordem bibliográfica e a sua base teórica pode ser encontrada nos trabalhos de Antonio Candido (2006), Karl Erik Schøllhammer (2009), Tânia Pellegrini (2004), Letícia Tedesco (2014), entre outros. Os resultados demonstram que a garimpagem de ouro amazônica e a violência gerada por ela são os fios condutores para o desenvolvimento da narrativa, pois elas intervêm diretamente nas ações das personagens.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira contemporânea. Amazônia. Violência.

ABSTRACT: This work investigates how Amazon gold mining is portrayed in the contemporary novel *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* [I would receive the worst news from your beautiful lips] (2005), by Marçal Aquino, highlighting the violence triggered by the gold rush and the resistance attempt from the female figure. The Brazilian author makes use of his journalistic experience and recreates the scenario of the golden cycle in a small countryside village in the state of Pará, marked by economic progress and social inequality. The methodology employed in this research is bibliographic, and its theoretical basis can be found in the works of Antonio Candido (2006), Karl Erik Schøllhammer (2009), Tânia Pellegrini (2004), Letícia Tedesco (2014), among others. Results show that the mining of Amazonian gold and the violence it entails are the guiding threads for plot development in the novel, given that they directly intervene in the actions of the characters.

KEYWORD: Contemporary Brazilian literature. Amazon. Violence.

*Graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: rebecafurtado@ufpa.br. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-4692-2337>.

**Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professora efetiva da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: marlitf@ufpa.br. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-7597-7834>.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde o século XVI, o território amazônico é representado nos textos informativos e relatos de viagem. Gaspar de Carvajal (1500-1584), frei espanhol, foi um dos primeiros cronistas que se detiveram em descrever este espaço de forma fantasiosa, mítica, voltada para a dicotomia do paraíso edênico ou o inferno verde¹, conforme registra Neide Gondim em *A invenção da Amazônia* (1994). Com o fascínio e estranhamento perante a descoberta dos rios, das florestas, dos animais e das possíveis doenças ali presentes, muitos escritores que utilizaram essa região como objeto de criação literária caíram no mesmo abismo: retratar a Amazônia ora como um inferno, ora como um paraíso.

Na primeira década do século XX, Euclides da Cunha publica o livro *À margem da história* (1909) e inaugura uma tradição em representar a Amazônia de forma grandiloquente, dando destaque à soberania da natureza diante dos indivíduos. Para ele, a natureza é misteriosa e maior que o homem. Embora sua obra seja construída em um tom mais ensaístico que romanesco, como aponta Marlí Furtado (2008), Euclides influenciou muitos escritores brasileiros a seguirem sua forma de ficcionalizar a Amazônia. Vale destacar que alguns autores conseguiram romper com a tradição euclidiana, como é o caso dos escritores nortistas Dalcídio Jurandir, Márcio Souza e Milton Hatoum.

Marçal Aquino², escritor da literatura brasileira contemporânea, embora não tenha criado um projeto literário com objetivo de tematizar a Amazônia,

¹ Vale mencionar que essa visão de uma natureza edênica não se restringe à Amazônia, mas se refere à natureza brasileira em geral, também apontada por Neide Gondim (1994).

² Nascido em 1958, em Amparo, interior de São Paulo, Marçal Aquino é um escritor, jornalista, editor e roteirista brasileiro. Entre contos, poemas e romances, escreveu os livros *Por bares nunca dantes naufragados* (1985), *A turma da rua quinze* (1989), *As fomes de setembro* (1991), *O jogo do camaleão* (1992), *O amor e outros objetos pontiagudos* (1999), *Cabeça a prêmio* (2003), *O invasor* (2002), *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* (2005), entre outros. Em 1991, foi premiado na categoria contos pelo Prêmio V Bienal Nestlé de Literatura e, em 2000, pelo Prêmio Jabuti.

quando optou em escrever sobre um momento sócio-histórico da região, conseguiu com excelência ir contra a corrente dos inúmeros estereótipos sobre ela, frutos da visão dicotômica presente nas obras literárias desde o século XVI e que se acentuaram com a tradição de Euclides.

Mesmo que Aquino tenha criado obras, em sua maioria, que se passam nas grandes metrópoles do país, ele também voltou seu olhar para a região interiorana do Brasil, como afirma Barbosa (2006, p. 215): “Aquino não se interessa por um lugar específico (espaço urbano, interior ou fronteiras do país), mas por um lugar com pessoas em conflito”. É o que ocorre em seu romance *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* (2005), ambientado em uma cidadezinha no interior do estado do Pará, em pleno Ciclo do Ouro.

No romance ERPNULL³, ao invés de serem apresentadas personagens que são sugadas e esmagadas pela soberania da natureza, o narrador revela que a garimpagem de ouro amazônica e a violência gerada por ela são decorrentes da própria desigualdade socioeconômica e do desamparo estatal. As personagens não são corroídas pela natureza, mas pela necessidade de usufruir dos bens daquela terra, custe o que custar.

Essa necessidade de Aquino em retratar um período historicamente marcado pela violência e degradação humana é fruto de uma tendência da literatura brasileira contemporânea: a urgência do escritor em captar o seu próprio tempo e a reinvenção do realismo. Cada vez mais difícil de captar o tempo presente, o escritor recorre a um realismo – que não o vigente no século XIX –, a fim de impactar determinada realidade social (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 11).

Cabe mencionar que Aquino está inserido na geração 90, um grupo heterogêneo de escritores que possuem, como unificação maior, o apelo para as questões da sociedade brasileira e da cultura contemporânea, além do apreço

³ Utilizaremos a abreviação ERPNULL para tratar do romance *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*, tendo em vista sua relativa extensão.

pelo hibridismo entre a literatura e outros meios de comunicação, como a fotografia e o cinema, consagrando a narrativa cinematográfica e jornalística.

Diante disso, neste artigo, buscaremos explorar como se dá a construção da garimpagem de ouro amazônica no romance ERPNULL, de Marçal Aquino, considerando que existe uma lacuna no que diz respeito a essa abordagem sobre a obra. Apesar disso, citamos as pertinentes contribuições de Flávio da Rocha (2015), com o artigo *O reflexo da construção do espaço nas personagens principais de Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios, de Marçal Aquino*, que busca refletir o entrelaçamento entre dois elementos importantes para o desenvolvimento da trama: o espaço e os personagens. Discutiremos, em conformidade com Rocha (2015), como o processo de garimpagem marca fisicamente e psicologicamente as personagens de uma narrativa cinematográfica e jornalística.

2 EU RECEBERIA AS PIORES NOTÍCIAS DOS SEUS LINDOS LÁBIOS E A FICCIONALIZAÇÃO DA GARIMPAGEM DE OURO AMAZÔNICA

O romance ERPNULL é ambientado em uma cidadezinha no interior do Pará, que se encontra em conflito devido à disputa entre mineradora e garimpeiros. Ele é narrado em primeira pessoa por Cauby, um fotógrafo paulistano que foi agenciado por uma empresa francesa para fotografar as prostitutas ao redor do garimpo e publicar as fotos em um livro. O enredo e o tempo da narrativa são construídos de forma fragmentada, em que passado e presente se fundem e se confundem.

O livro se inicia com Cauby na pensão de Dona Jane, no tempo presente, porém, por meio de suas lembranças, somos levados ao passado, o que nos faz perceber a presença de duas narrativas, que nos serão reveladas aos poucos. A

partir de *flashback*, o narrador-personagem conta a sua história e o seu envolvimento com Lavínia, mulher casada com o pastor Ernani, que teve grande participação no conflito entre mineradora e garimpeiros. Tanto Cauby quanto Ernani acabam se tornando vítimas da violência decorrente da garimpagem.

A ficcionalização da garimpagem de ouro decorre das vivências jornalísticas de Marçal Aquino na década de 1980, quando frequentou Serra Pelada, o maior garimpo a céu aberto do mundo, que atraiu milhares de pessoas em busca das pepitas. Embora a cidade não seja nomeada no romance, podemos observar os traços de alguns garimpos do Pará que tiveram suas atividades interrompidas por intervenção estatal.

Na narrativa, o crescimento econômico anda lado a lado com a desigualdade social. Há a presença de várias personagens vindas de diferentes lugares do país à procura de melhores condições de vida. Um exemplo é a personagem Magali, que saiu do Ceará para tentar a vida no garimpo, mas acabou se tornando prostituta para poder sobreviver. No início do romance, com a retomada dos rios para a mineração, o narrador conta ao leitor sobre o surto de prosperidade e, conseqüentemente, o aumento de prostitutas no local, que são “as primeiras a farejar o ouro” (AQUINO, 2005, p. 12)⁴. O destino de Magali é semelhante ao de outras personagens, em um lugar em que o que havia de mais precioso não eram as vidas, mas sim as pedras preciosas que poderiam ser encontradas no processo da mineração.

O destino de Magali nos mostra que o poder econômico se concentrava em apenas uma pequena parcela da população, intensificando ainda mais a desigualdade econômica. Esse desequilíbrio era tanto que o garimpo de Serra Pelada passou a ser nomeado como “formigueiro humano”, caracterizado por Lavarda (2017, p. 12) como uma

⁴ Nos momentos iniciais dos garimpos no estado do Pará, a presença feminina era fortemente proibida, pois as mulheres eram acusadas de distrair o trabalho dos garimpeiros.

[...] multidão de homens enfileirados e espremidos, num grande plano geral no qual não se identifica o aspecto “humano”, mas, sobretudo, uma multidão em alguma região insalubre, típico das cenas épicas dos filmes de Hollywood, como a legião de escravos revoltos em “Spartacus”, de Stanley Kubrick”. (LAVARDA, 2017, p. 12).

Letícia Tedesco (2014), ao pensar sobre mobilidade, gênero e modos de viver na garimpagem na Amazônia, pontua que Serra Pelada foi o segundo ciclo do ouro no Brasil, tendo em vista que o primeiro foi durante o século XVIII em Minas Gerais. Apesar disso, foi com Serra Pelada que se passou a discutir a problemática que a mineração acarretaria: a falta de controle governamental e a desumanização dos trabalhadores ali presentes.

A ficcionalização desse período histórico da Amazônia, bem como ocorreu com o ciclo da extração da borracha, também se fez extremamente necessária para refletir e discutir as consequências do trabalho no garimpo e, principalmente, para se pensar os processos de formação da sociedade paraense do sul do estado do Pará.

Em 1993, o escritor paraense Benedicto Monteiro publicou o romance *Maria de todos os rios*, também ambientado na garimpagem de ouro no Pará. Da mesma forma, Marçal Aquino, imbuído do desejo de refletir sobre a realidade brasileira, importou-se em demonstrar como o período do Ciclo de Ouro na Amazônia acentuou os desníveis sociais e a violência presente na região, o que nos leva a pensar na relação entre literatura e sociedade defendida por Antonio Candido (2006). Segundo Candido (2006, p. 13-14), há uma grande contribuição do elemento social na construção de uma obra literária, em que o social deixa de ser um elemento externo para se tornar um elemento interno na narrativa. É dessa forma que Aquino constrói o romance, voltando seu olhar para as consequências do garimpo amazônico.

2.1 A VIOLÊNCIA NA BUSCA PELO OURO

Um romance em que há um pedófilo que teve suas tripas quase arrancadas, um jornalista sensacionalista epilético e suicida, um pastor assassinado com dois tiros, um fotógrafo que teve sua visão comprometida, uma mulher violentada física e psicologicamente e uma série de indivíduos que estavam tentando sobreviver no garimpo não deixa de evidenciar a influência das narrativas de violência na escrita de Aquino.

A violência é o fio condutor para o desenvolvimento do enredo e, conseqüentemente, de suas personagens, influenciadas principalmente pela possibilidade de ascender socialmente por meio da mineração do ouro. Pellegrini (2004, p. 16) afirma que a violência se apresenta como “o uso da força para causar dano físico ou psicológico a outra pessoa”. Ela faz parte da nossa história desde o período de colonização do Brasil, sendo recuperada na literatura contemporânea e trazendo à discussão assuntos importantes, como a desigualdade social.

Jaime Ginzburg (2010, p. 4), em *Crítica em tempos de violência*, chama atenção para a presença constante das narrativas de violência na literatura brasileira, estabelecendo relação com o trauma, os regimes autoritários brasileiros e as suas conseqüências. Segundo Ginzburg (2010, p. 5), “a consciência da presença da violência na História do Brasil pode atuar como fundamento para escritores construírem imagens, personagens, enredos, estruturas narrativas”. Marçal Aquino aparenta ter muita consciência da violência presente na historiografia do país, pois, no ERPPLL, os personagens vivenciam física e psicologicamente a violência e o trauma.

No momento inicial da narrativa, os rios estão novamente sendo liberados para o processo de mineração após intervenção da mineradora, fazendo com que aquele local esteja passando por um novo surto de prosperidade, como aponta o narrador. As personagens viam ali uma oportunidade para melhorar de vida, sem

perceber que estavam se deteriorando assim como aquela terra: “às vezes, ao voltar da zona, eu cruzava com eles. Homens, mulheres e crianças amarfanhados de sono, ainda atordoados pelo sonho em que se viam colhendo um relâmpago do útero da terra: a pedra que modificaria suas vidas” (AQUINO, 2005, p. 64). Esses indivíduos carregam em comum a esperança e o sonho de mudar suas vidas, mesmo que isso custe viver em estado de sonambulismo.

É evidente que as pessoas que estão nesse território não percebem o processo de intensa deterioração que ocorre tanto na terra quanto em suas vidas, sendo levadas a renunciar a sua própria existência em nome do sonho. A personagem Guido Girardi, um paranaense sonhador que estava empenhado em buscar a riqueza naquele interior do Pará, escancara a disputa desigual que aqueles seres enfrentavam. Guido se tornou garimpeiro e enfrentou inúmeras dificuldades, mas era desacreditado pela maioria da população, que via nele apenas um sonhador. Após se endividar com quase todos os moradores da região, seu destino foi trágico, assim como sua passagem pelo garimpo. Ele é culpado de assassinar Chang, um pedófilo dono de uma loja e conhecido por emprestar dinheiro aos outros:

Matou Chang porque descobriu que seu filho caçula cabulava aula para passar a tarde enfurnado no quartinho dos fundos da loja, entregue a farras muito bem documentadas pelo chinês numas fitas VHS que a polícia encontrou no local. Essa é uma boa perspectiva para se analisar o caso. Mas não a única. Guido destripou Chang porque devia muito dinheiro ao chinês, herança de antigos projetos malsucedidos. É também uma maneira de explicar o crime. Há até quem aposte nisso. (AQUINO, 2005, p. 160).

Guido Girardi não consegue romper com o esperado na narrativa: as próprias condições no garimpo o levam a assassinar Chang, seja pela possibilidade de o seu filho ter sido abusado por Chang ou por estar devendo

dinheiro a ele. Mesmo sem a confirmação do fato, notamos que as suas ações são frutos do processo desigual na garimpagem de ouro.

Com a retomada da mineração, o clima de tensão na cidade é tamanho que faz com que as personagens se mantenham sempre em estado de alerta diante de qualquer alteração ou novidade. O medo da violência que estaria por vir faz com que Cauby tente prever o que irá acontecer quando chega um sujeito de paletó na pensão de Dona Jane:

O homem é gordo, usa paletó e gravata e carrega a tiracolo uma bolsa com o logotipo de uma agência de viagens. Está ofegante e sua muito. Sou o primeiro que ele cumprimenta com um movimento de cabeça. Ele afasta as abas do paletó e, num *flash* que me atordoia, prevejo o que vai acontecer.

Ferido na cabeça, o careca tombará para a frente e o impacto de seu corpo destruirá o tampo de vidro da mesinha. Dona Jane ficará estendida de bruços, com metade do corpo no interior da casa. O menino talvez escape. Não, o homem não permitirá — esse tipo de gente nunca deixa testemunhas. Ele perseguirá o menino pelo beco, se for preciso. Tudo dependerá da ordem que escolher antes de atirar. O certo é que serei o primeiro.

O *flash* cessa. A eletricidade em minha coluna diminui, pouco a pouco. O homem afastou as abas do paletó apenas para pegar um pedaço de papel no bolso da camisa, que entrega a dona Jane. Ele pega também um lenço para remover o suor da testa e do pescoço. Estou derretendo, diz.

Sua voz é grossa, empostada. Deve ser um dos advogados da mineradora. Eles sabem que a guerra com os garimpeiros pode recomeçar a qualquer momento e já chamam seus soldados para a trincheira. (AQUINO, 2005, p. 20-21).

Embora a violência não tenha sido concretizada na cena narrada e não passe de uma premonição do que poderia vir a acontecer, é possível observar as suas marcas psicológicas no narrador-personagem ao imaginar que o pior ocorreria. Ginzburg (2010, p. 99) conceitua o trauma da seguinte maneira:

O trauma é frequentemente definido como uma situação de excesso, em que o sujeito não está preparado para a assimilação de um estímulo externo. Dependendo do tipo de trauma e do seu grau de intensidade, uma vítima de um estímulo traumático pode sofrer sequelas ao longo de sua vida. (GINZBURG, 2010, p. 99)

O trauma conduz a ação do narrador-personagem, pois cria um estado de tensão e trauma que só foi gerado pela existência do conflito entre a mineradora e os garimpeiros que estavam insatisfeitos. Cabe mencionar que o momento narrado por Cauby ocorre após as violências sofridas por ele.

A princípio, Cauby estava na cidade para fotografar as prostitutas ao redor do garimpo, mas acabou aceitando outros trabalhos na cidadezinha como fotógrafo. Em determinado momento do romance, a personagem estava em sua casa e o investigador Pollozzi foi até ele juntamente com um delegado:

Vem com a gente. Traz a máquina.
Zonzo de sono, nem tive a chance de raciocinar direito. Peguei uma câmera, eles me enfiaram na viatura e rodamos para fora da cidade. Uns quinze quilômetros. Até a beira de um barranco. Os cadáveres estavam jogados num monte de lixo. Três caras. Tinham usado munição pesada neles. Principalmente na cabeça. Um negócio feio.
Clica os presuntos aí, o delegado disse. Seis fotos para cada um, entendido? Dê preferência ao rosto, é pra reconhecimento.
Olhei para os defuntos. E senti enjoo. Protestei:
Porra, cadê o fotógrafo de vocês? O delegado apontou um dos mortos. Um gordo, em quem faltava metade do crânio.
Olha ele ali. Tinha que se meter nessa história dos garimpeiros?
Havia um clima de guerra na cidade. E a mineradora jogava duro com seus adversários.
Aquele outro é o filho dele, o delegado disse. Era do sindicato. Vendo que eu não me mexia, ele bateu no meu ombro.
Tá esperando o quê? Eu vou pagar pelo serviço, pode ficar sossegado.
[...] Fiz o trabalho. Mortos em várias poses, um festival de moscas. Depois, me afastei e vomitei metade do meu almoço. O delegado deu risada. (AQUINO, 2005, p. 30-31).

Cauby foi contratado para fotografar os corpos encontrados de pessoas que estavam envolvidas na tensão entre mineradora e garimpeiros. Na cena narrada, é possível perceber a violência que pairava no garimpo. O sonho de mudar seu destino, a violação dos direitos e a ganância pelo dinheiro acarretam a ameaça física e mental das personagens presentes naquele local, em que a vida pesava bem menos que as pepitas. Essa relativização e banalização da morte são percebidas principalmente no momento em que o investigador chama os corpos assassinados de “presuntos”, em uma conotação bastante pejorativa, como se aquelas vidas ali de nada valessem.

Em outro momento do ERPPLL, Cauby presencia de perto a tensão entre mineradora e garimpeiros. Lavarda (2017, p. 40) explica essa disputa que ocorreu no garimpo de Serra Pelada, evidenciando que os garimpeiros eram conhecedores da região e, por isso, sabiam dos locais mais propícios para encontrar o ouro. A mineradora, em contrapartida, passa a “disputar com os garimpeiros o controle da exploração mineral” (LAVARDA, 2017, p. 40). Diante disso, o conflito entre eles começou a aparecer, o que levou à intervenção do Estado. Na ficção, tal intervenção não ocorre, pois as personagens são deixadas à mercê de suas próprias sortes.

O narrador-personagem também não deixa de ser vítima da violência. No capítulo “Postais de Sodoma à luz do primeiro fogo”, uma série de eventos culmina na violência máxima da narrativa. Com o assassinato brutal de Chang, instaurou-se um clima de tensão ainda maior na cidade. O ápice da violência na narrativa ocorre no episódio do assassinato do pastor Ernani, marido de Lavínia.

Nesse momento do enredo, toda a população já sabia do envolvimento de Lavínia com Cauby. Alguns assistiam de perto à traição da mulher do pastor com um paulistano que estava de passagem pela cidade, ansiosos para contemplar o desfecho que aquela história traria. Quando Ernani é assassinado, Cauby se torna o principal suspeito do crime, e a população, revoltada, acreditava erroneamente

em sua culpa. Ernani, na verdade, havia sido assassinado porque foi acusado de insuflar os garimpeiros com as suas fervorosas pregações. A personagem atrapalhava o trabalho da mineradora, por isso teve um fim trágico, carregado de violência.

A população, sem saber quem havia sido declarado culpado pelo crime, se vira contra Cauby e tenta vingar a morte de Ernani com as suas próprias mãos:

[...] dei de cara com a multidão que acompanhava o enterro do pastor Ernani. Não tive tempo de recuar, e eles me viram. O cortejo parou. Primeiro, me olharam com curiosidade, que não demorou para virar raiva. Alguém gritou um palavrão. Corri.

Me lembro de estar correndo pelas ruas de calçamento irregular, apavorado, com os pulmões queimando, no limite das forças, acossado pela gritaria dos meus perseguidores. Que não desistiam. Ao contrário: dava a impressão de que o bando engrossava a cada esquina. Até cachorros se juntaram à perseguição.

Não sei quanto tempo corri ou até quando teria resistido. Eu já não tinha mais energia, porém continuava correndo do mesmo jeito. O medo me empurrava. Mas comecei a perder terreno, tive a sensação de que passei a ouvir, além do tropel e dos gritos, a respiração feroz nos meus calcanhares. Ao olhar para trás, pisei num buraco e torci o tornozelo. Perdi o equilíbrio. Não cheguei a cair, mas tive de parar. E, no desespero, cometi um erro estratégico fatal: me refugiei, mancando, num terreno baldio. Um descampado.

Num segundo, fui cercado. Homens e mulheres. Não dava para saber quantos eram, talvez uns vinte. Me olhavam com hostilidade e não diziam nada. Apenas se aproximavam, ofegantes. Eu estava exausto demais, não conseguia falar. E nem me manter em pé direito — sentia uma dor aguda no tornozelo.

A primeira pedra me atingiu no peito.

Ergui as mãos para me proteger e tentei falar, imagine, que estavam cometendo uma grande injustiça. Mas faltou fôlego. E tempo. E sobrou dor. Uma segunda pedra bateu no meu ombro. A terceira no meu rosto. Eu me ajoelhei. E sofri um baque na cabeça — alguém me golpeou por trás. Foi nesse instante que caí. Então choveram pedras. Uma acertou meu olho direito. Um clarão de fogo. Foi a última imagem que vi com ele. Eu já não sentia os impactos. E não me lembro de mais nada. (AQUINO, 2005, p. 209-210).

Cauby acaba sendo engolido pelo furacão de acontecimentos da cidade, acarretando a perda da visão do olho direito, que tanto lhe era importante no trabalho de fotógrafo. Anteriormente, os fiéis já haviam incendiado a sua casa, provocando a perda total de seus bens, exceto por uma Pentax e um livro. Diante disso, é notável que a garimpagem de ouro e a violência intervêm no destino e na ação das personagens, que são colocadas no meio da guerra sem ao menos estar envolvidas.

2.2 A PRESENÇA DA MULHER NO GARIMPO: PROSTITUIÇÃO E (SOBRE)VIVÊNCIA

A cidadezinha em que o ERPNULL se desenvolve é marcada pela desigualdade. Com o crescimento econômico no garimpo, a desigualdade se acentua ainda mais e as mulheres são levadas a procurar diferentes formas para sobreviver, encontrando na prostituição uma solução. A desigualdade, na narrativa, não é apenas econômica, mas também de gênero.

Diante da necessidade de sobrevivência e do desejo de melhorias, as prostitutas presentes no romance estão fadadas às situações de violência, aprisionamento, opressão e julgamento. Embora não seja o nosso intuito analisar a narrativa como uma reprodução fiel do real, debruçamo-nos sobre a relação estabelecida por Candido (2006, p. 13-14) entre literatura e sociedade, que concebe o elemento social como um ponto importante para a construção das obras literárias.

Tedesco (2014, p. 51) aponta que, no garimpo de ouro da Amazônia, “[...] a presença feminina não apenas é subestimada e invisibilizada pelo senso comum em geral, mas, quando presente, geralmente é caracterizada por imagens negativas da prostituição, isto é, imbuída em promiscuidade, violência e exploração”. Cauby, demonstrando sua superioridade masculina, classifica as

prostitutas, de forma pejorativa, como maltratadas tanto pela genética quanto pela vida.

A personagem Magali, embora ocupe lugar secundário no ERPPLL e só apareça em três páginas no romance, representa todas as mulheres cujo sonho de um futuro melhor faz com que saiam de sua terra natal na tentativa de adquirir prosperidade em um outro lugar. Contudo, ela nos evidencia qual se torna a realidade dessas mulheres:

Magali aproximou-se pelo lado interno do balcão com a garrafa de cerveja, dois copos e o comentário de que eu andava sumido. Ela viera do Ceará ainda menina, tentar a sorte no garimpo, como tantas outras. Agora, era uma quarentona ajeitada ainda, sensual, de traços graciosos e lábios que, na impossibilidade de beijar, você gostaria de morder. Uma flor perfumada do Cariri. (AQUINO, 2005, p. 196).

Ao buscar a sorte no garimpo, Magali acaba se tornando prostituta. Ela chega ainda menina e, agora com quarenta anos, sabemos qual foi o seu destino. O percurso da personagem nos revela qual era o futuro das mulheres que chegavam naquele contexto. Nós, leitores, não tomamos conhecimento do que aconteceu entre a infância e a vida adulta de Magali, nem quais foram os caminhos que essa personagem tomou para chegar àquela condição, mas sabemos que ali ela encontrara uma forma para poder (sobre)viver. Tedesco (2014, p. 51) afirma que é a partir dessas trocas sexuais entre homens e mulheres que fica marcada a hierarquia de gênero.

Magali foi a primeira mulher que Cauby fotografou para o livro que uma agência francesa publicaria, e foi com ela que teve uma breve relação. No entanto, a personagem estava comprometida, era amante de um deputado da região, dono do bordel *Five Stars*, em que ela posava como gerente. Cauby usa Magali como artifício para ganhar dinheiro, compactuando com a prostituição como se fosse um café:

De vez em quando, alguma prostituta recém-chegada ao garimpo ainda batia na porta de casa, resíduo dos meus dias de sanguessuga. Garotas novas, quase impúberes, e também velhas marafonas em fim de carreira, que já tinham dado expediente até no garimpo de Serra Pelada. Mesmo que fossem bonitas, o que era raro, não conseguiam me seduzir. Ver uma daquelas mulheres tirar a roupa e se deitar, para abrir as pernas e exibir a boceta como uma flor envenenada, não mexia comigo, não me provocava nenhuma reação. Eu me limitava a fotografá-las e a receber minha grana e as mandava embora. (AQUINO, 2005, p. 51).

Diante da atitude desse narrador, é possível inferir a sua posição de superioridade perante aquelas mulheres. Cauby não apenas usa de seus privilégios sociais para se relacionar com Magali, como também leva outras mulheres a continuarem vivendo oprimidas pela prostituição. No momento de maior violência na narrativa, já mencionado anteriormente, o narrador nos conta que uma prostituta esfaqueou um cliente na boate em que Magali trabalhava:

Voltei à cidade bem tarde da noite e rodei por ruas vazias e silenciosas. Sodoma acalentava em paz o sono dos injustos. Até as árvores da praça pareciam calmas, as folhas imóveis no ar parado da madrugada, que, eu juro, fedia a enxofre. Antes de ir para casa, arrisquei ainda um giro pelos bordéis. Estavam desertos. No maior deles, o Grelo de Ouro, que em seus tempos dourados chegou até a programar apresentações de chacretes, segundo me contaram, três sujeitos conspiravam na única mesa ocupada, pouco interessados nas mulheres que, sem utilidade, bebiam sentadas junto ao balcão do bar ou se mexiam entediadas na pista de dança, salpicadas pelos fragmentos de luz do globo. Os homens pareciam ressabiados com elas — não fazia muito tempo, uma delas esfaqueara um cliente; péssimo para a reputação das colegas e do lugar. Eles pararam de falar quando entrei e esperaram que eu me encostasse no balcão e pedisse cerveja, antes de retomar uma conversa velada, cheia de cochichos sinistros. (AQUINO, 2005, p. 195-196).

Não nos cabem explicações para a violência cometida, mas sabemos as situações que as prostitutas enfrentam, pois, assim como afirma Beauvoir (2016,

p. 365), “a prostituta não tem os direitos de uma pessoa; nela se resumem, ao mesmo tempo, todas as figuras da escravidão feminina”. Portanto, marcadas pela opressão e violência, Magali e as outras mulheres que fazem parte do seu grupo social são personagens cuja trajetória de lutas demonstra o desejo de (sobre)viver.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este artigo, buscamos apresentar como a garimpagem de ouro amazônica é construída no romance ERPNULL, de Marçal Aquino, tratando de dois aspectos principais: a violência decorrente do processo de mineração e a tentativa de resistência e sobrevivência feminina em meio ao garimpo.

A garimpagem de ouro e a violência gerada por ela conduzem o desenvolvimento da narrativa, pois elas intervêm diretamente nas ações do narrador e das demais personagens, sejam elas protagonistas ou secundárias, como é o caso de Magali e o pastor Ernani. O desejo de conseguir usufruir dos bens daquela terra por vezes é mais importante para as personagens do que a própria manutenção de sua integridade moral e física.

Além disso, observamos o forte entrelaçamento da literatura produzida por Marçal Aquino com a sociedade. A ideia de Candido (2006) de que a arte é social devido aos fatores do meio social se faz presente na obra de Aquino, que se utilizou de seus conhecimentos adquiridos com a carreira de jornalista e a prática literária.

Aquino optou por enfatizar os dramas das personagens e a desigualdade entre elas em uma cidadezinha na qual tudo parecia estar envolto de terra. O destino dos cidadãos desse espaço narrativo é trágico e violento, como deveria ser. Não há finais felizes no garimpo, apenas violação de direitos, aumento de desigualdade, miséria, violência brutalista e banalização da morte. Aqueles que

nesse espaço chegam, ficam entrelaçados em um conflito que parece não cessar. Apesar disso, a narração de Cauby é clara: é possível encontrar o amor em meio ao tormento, pois, ao final do romance, ele e Lavínia se reencontram e reiniciam sua relação.

As discussões levantadas neste artigo não se esgotam, pois apontamos a necessidade de renovar o nosso olhar para a literatura brasileira produzida na Amazônia e sobre a Amazônia, como é o caso de Marçal Aquino, que consegue, com maestria, fugir dos antigos estereótipos sobre a região.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Marçal. **Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BARBOSA, Catia Valério Ferreira. **Representações da realidade em romances brasileiros contemporâneos: a literatura da angústia**. 2006. 266 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: A experiência vivida**. Volume 2. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Cultrix, 1975.

FURTADO, Marlí. "Crimes da terra" na Amazônia, de Inglês de Sousa a Dalcídio Jurandir. **O eixo e a roda**: Revista de Literatura Brasileira, Belo Horizonte, v. 17, 103-113, 2008. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3300. Acesso em: 6 mar. 2021.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. 2010. 300 f. Tese (Livre Docência em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

LAVARDA, Marcus Túlio Borowski. O “formigueiro humano”: o garimpo de Serra Pelada pelas fotografias de Sebastião Salgado. *In*: 11º Encontro Nacional de História da Mídia, 2017. **Anais [...]**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, p. 1-15, 2017. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/11o-encontro-2017/gt-historia-da-midia-visual/o-201cformigueiro-humano201d-o-garimpo-de-serra-pelada-pelas-fotografias-de-sebastiao-salgado/view>. Acesso em: 15 abr. 2021.

MONTEIRO, Benedicto. **Maria de todos os rios**. 1. ed. Belém: Cejup, 1993.

PELLEGRINI, Tânia. O fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 24, jul.-dez., p. 15-34, 2004. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2150/1710>. Acesso em: 20 abr. 2021.

ROCHA, Flávio Amorim da. O reflexo da construção do espaço nas personagens principais de *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*, de Marçal Aquino. **Travessias Interativas**, v. 10, n. 2, p. 1-11, 2015. Disponível em: http://www.travessiasinterativas.com.br/_notes/vol10/flavio.pdf. Acesso em: 10 abr. 2021.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TEDESCO, Leticia da Luz. **No trecho dos garimpos**: mobilidade, gênero e modos de viver na garimpagem de ouro amazônica. 2014. 420 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFRGS, Porto Alegre, 2014.

Recebido em: 07/05/2021

Aprovado em: 15/05/2021